
Circulação de sentidos e políticas de audiovisibilidades artivistas: a ocupação de Linn da Quebrada no perfil de Tata Werneck no Instagram¹

Jonara CORDOVA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O artigo debate sobre a criação, circulação e disputa de sentidos na ocupação de Linn da Quebrada no perfil de Tata Werneck no Instagram. A partir das políticas de audiovisibilidade acionadas, a artivista aborda questões sobre gênero, raça e representatividade, de forma acessível e didática, criando debates entre os milhões de seguidores da atriz. Para a análise, utilizei a Teoria Fundamentada como aporte metodológico, criando três categorias temáticas: a) Convite; b) Responsabilização; c) Representação. Por fim, concluí que movimentos como o estudado são potentes estratégias para a abertura de brechas, no entanto, não devem ser superestimados, pois a circulação de sentidos possui limitações, como os processos “invisíveis” presentes nas lógicas algorítmicas da plataformas digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Linn da Quebrada; Plataformas digitais; Artivismo; Políticas de audiovisibilidade; Circulação de sentidos.

Introdução

No dia 25 de maio de 2020, em Minnesota, nos Estados Unidos, George Floyd, 46, foi morto por um policial. O homicídio causou uma onda de indignação e protestos pelo mundo todo. Nos sites de redes sociais, as manifestações passaram a vir acompanhadas de hashtags como #BlackLivesMatter e #Justice4Floyd. No Brasil, diversas ações antirracistas começaram a ser disseminadas por pessoas públicas em seus perfis, entre elas, as ocupações. Esta prática se iniciou com o ator e humorista Paulo Gustavo, que convidou a filósofa e ativista do movimento negro Djamila Ribeiro para ocupar o seu perfil no Instagram durante o mês de junho e publicar conteúdos antirracistas ao seu público, composto por 13,7 milhões³ de seguidores. Motivadas pela

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da Unisinos, e-mail: jonaracordova@gmail.com.

³ Todos os números referentes aos seguidores, likes e comentários, que constam neste artigo, foram coletados em 29 de julho de 2020.

atitude do ator, outras pessoas cederam os seus perfis com este propósito, entre elas, a apresentadora e humorista Talita Werneck Arguelhes, mais conhecida como Tata Werneck, que fez o convite à artista multimídia Linn da Quebrada.

O interesse em analisar esta ocupação, em específico, surgiu por causa do meu tema de pesquisa no mestrado, no qual pretendo investigar quais são os sentidos criados e circulados a partir das performances da artista Linn da Quebrada. Natural de São Paulo, a artista, que se declara bixa preta e travesti, foi criada no interior do estado, em uma região periférica. Foi por meio das plataformas digitais que ela se tornou conhecida, a partir do clipe de “Enviadescer”, publicado no *YouTube* em 2016. Desde então, Linn tem conquistado cada vez mais espaço midiático e reconhecimento pelo seu trabalho, disputando narrativas e mobilizando políticas de audiovisibilidades⁴, ao ressignificar o corpo travesti e/ou afeminado. Conforme Neves (2019, p. 2), Linn “utiliza a música e o corpo como armas de desconstrução do machismo, da falocracia, da transfobia e construção de um novo feminino e de mulheridades”.

Em 2017, a artista lançou seu primeiro álbum, “*Pajubá*”, a partir de uma campanha de financiamento coletivo. Linn fez turnês nacionais e internacionais acompanhada das suas parceiras de trabalho, a multiartista Jup do Bairro e a DJ e produtora BadSista. Em 2018, estrelou o filme *Bixa Travesty*, com o qual ganhou diversos prêmios, entre eles, o *Teddy Award* de melhor documentário LGBT no Festival Internacional de Cinema de Berlim. Em 2019, ela passou a apresentar o programa de entrevistas *TransMissão* junto da Jup do Bairro, no Canal Brasil, além de atuar na minissérie *Segunda Chamada*, da Rede Globo. Neste ano de 2020, com o contexto da pandemia de Covid-19, a artista, que desde o início da sua carreira utilizou as plataformas de redes sociais como espaços de audiovisibilidades, passou a realizar *lives* e parcerias, junto de outras artistas e influenciadoras, dialogando com seus públicos.

Neste sentido, a ocupação de Linn da Quebrada nos perfis de Tata Werneck surgiu como oportunidade de tratar sobre questões que vão além do antirracismo - assunto que se fortaleceu nas redes sociais a partir do assassinato de Floyd - abordando

⁴ “[...] temos que novas formas de (áudio)visibilidade em que o valor que se contrata é o da “recriação”, poderiam efetivamente ser associados ao que temos chamado políticas de audiovisibilidade artistas, propostas táticas táteis que muito bem tipificam as expressividades criativas remediadas e remixadas das divas techno-drags.” (ROCHA; SANTOS, 2018, p. 209).

também, outros temas presentes em seu trabalho, como as discussões sobre gênero e corporalidades.

Para contextualizar a relação de Tata Werneck com estes temas, considero necessário recordar um acontecimento. Em 2015, a artista lançou a música “Travesti de fogo”⁵ junto da Banda Renatinho⁶, da qual fazia parte como vocalista. A letra da canção foi apontada como transfóbica nas redes sociais, por causa de trechos como “travestis carregam navalhas na bolsa e matam pessoas mil”. Após a repercussão, foi publicada uma nota⁷ de retratação pela assessoria de Tata, na qual ela pedia desculpas e dizia que gostaria de usar esse acontecimento como alerta: “Quero transformar as críticas que recebi em uma oportunidade para chamar a atenção do caminho que ainda temos que construir para que as travestis tenham os seus direitos respeitados”. Anos depois, em 2020, Linn da Quebrada *twittou* sobre situações de transfobia no programa *Lady Night*, apresentado por Tata Werneck na emissora de televisão *Multishow*, e, cerca de dois meses depois, foi feito o convite para a ocupação em seus perfis nas plataformas de redes sociais, que conta com 42 milhões de seguidores.

Para analisar a ocupação, irei partir dos conceitos de circulação de sentidos (SILVERSTONE, 2002; 2006) e plataformização (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). A seguir, tratarei sobre o ativismo de gênero e políticas de audiovisibilidades (ROCHA; SANTOS, 2018). Então, abordarei os processos metodológicos utilizados nesta pesquisa, os dados obtidos na análise, e as considerações finais, com a discussão dos resultados.

Circulação de sentidos e disputa e narrativas nas plataformas digitais

Quais os sentidos criados por Linn da Quebrada? De que forma eles circulam (ou não) nas plataformas de redes sociais de Tata Werneck? Para iniciar esta reflexão, considero necessário retomar o conceito de circulação de sentidos. Conforme Silverstone (2002; 2006), os símbolos e significados circulam através de processos

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=By1rO-NRadE>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

⁶ A banda de rock cômico, formada em 2012, tem em sua composição Tata Werneck, Maurício Meirelles, Murilo Couto, Nil Agra e Marco Gonçalves.

⁷ Disponível em:

<<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/09/tata-werneck-causa-polemica-em-com-musica-travesti-de-fogo.html>>. Acesso em: 1º ago. 2020.

comunicacionais discursivos. Grohmann (2019, p. 151) acrescenta que “O foco nos sentidos nos diz que a circulação envolve mostrar como valores, visões de mundo e ideologias circulam nos processos comunicacionais”.

No caso de Linn da Quebrada, estigmatizada por seu corpo e sua identidade, no país que mais mata mulheres trans e travestis⁸, ocupar diferentes espaços, criando outros sentidos sobre si, é uma estratégia de disputa simbólica. Fiske (1996, p. 143), alerta que “essa circulação social de sentidos sempre implica lutas e contestações, pois aqueles com poder social tentam constantemente reprimir, invalidar ou marginalizar significados produzidos por e que servem aos interesses de grupos subordinados”. Portanto, as plataformas digitais são utilizadas como ferramentas para a mobilização das políticas de audiovisibilidades, onde a artista pode criar diferentes possibilidades para si. Mas não se pode superestimar a agência de sujeitos e sujeitas na disputa de sentidos e na transformação dos processos comunicacionais, uma vez que, conforme destaca Grohmann (2019, p. 152), “Nada (e ninguém) circula indefinidamente, pois há materialidades, limites e contradições na vida social e comunicativa”.

As plataformas digitais possuem distintas espacialidades e temporalidades, por exemplo, quando comparamos a circulação no *YouTube* com no *Instagram*, lidamos com especificidades e lógicas próprias de cada plataforma, marcadas por seus algoritmos. É importante, também, considerar que a maior parte das plataformas que utilizamos cotidianamente pertencem a cinco grandes empresas estadunidenses: *Google (Alphabet)*, *Amazon*, *Facebook*, *Apple* e *Microsoft*. “Eles arquitetaram suas infraestruturas de acordo com os mecanismos de plataforma que nós definimos como dataficação, mercantilização e seleção algorítmica”, explica Van Djick (2019), em entrevista ao portal *DigiLabour*. Assim, estas plataformas influenciam e estruturam a vida da população que depende delas, explicando o conceito de sociedade plataformizada (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018).

Não há neutralidade nas plataformas digitais, elas possuem marcas ideológicas, além de valores e normas. Van Djick (2019), alerta que “[...] o problema é que os processos sociais e econômicos estão ocultos nos algoritmos, nos modelos de negócios e nos fluxos de dados que não estão abertos ao controle democrático”. Silva (2020, p.

⁸ Disponível em:

<<https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-tem-aumento-de-70-nos-assassinatos-de-trans-e-travestis>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

123) complementa dizendo que , “Apesar de manter discursivamente ideais de liberdade e horizontalização das relações, a plataformização da comunicação e economia significa concentração internacional de fluxos de dados e capital”. Estas lógicas e relações de poder configuram os contextos, onde ocorrem as circulações (e não circulações).

Para Grohmann (2019), um dos aspectos que pode causar o não acesso a determinados sentidos são os marcadores estruturais, como gênero, classe social, raça, entre outros. Silva (2020, p. 123) afirma, também, que os algoritmos podem “reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade”. Portanto, ao ocupar as redes sociais de Tata Werneck, Linn da Quebrada pode abrir brechas em algumas limitações na circulação de sentidos sobre si, acessando um público mais amplo e diferente do que já acompanha a artista.

Políticas de audiovisibilidades artistas

A arte e o entretenimento podem protagonizar a promoção da transformação social. “Percebo esse potencial muito claramente nas comunicações pós-massivas, descentralizadas, que estão ligadas a uma narrativa autobiográfica”, aponta Rocha (2018), em entrevista cedida para o portal Gênero e Número. A pesquisadora afirma, ainda, que a disseminação do celular e das tecnologias móveis no Brasil entre as juventudes periféricas proporcionou uma apropriação do conteúdo mainstream, criando possibilidades de se combinar estes elementos com suas vivências, criando um conteúdo cultural próprio. Este fenômeno que Rocha menciona se trata de uma recente onda do ativismo, expressão que começou a ser usada no final da década de 60.

Chaia (2007), define o ativismo como uma forma de ativismo cultural ou ativismo artístico, atribuindo à arte uma função sócio-política, que vai desde a formação de consciência do outro, passando pela educação, até o fomento da mobilização. Raposo (2015, p. 4) acrescenta: “A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência”. O ativismo que vivemos na atualidade, pós-massivo, se mostra fortemente engajado com uma construção de masculinos e femininos não essencialistas. Ele é protagonizado por artistas trans, drags e andróginas. Colling (2018) afirma que há um boom de artistas no Brasil nos últimos dez anos, que têm em suas

produções um forte apelo às dissidências sexuais e de gêneros, citando Linn da Quebrada como uma destas pessoas. A trajetória da artista se dá, principalmente, a partir do acesso a recursos tecnológicos e audiovisuais. Mobilizando tais políticas de audiovisibilidade, ela produz e divulga o seu trabalho artista, articulando entretenimento e política. Rocha e Rezende (2019, p. 24) retomam que, a partir destes movimentos, jovens de periferia “[...] rompem o bloqueio da exclusão (embora sem necessariamente erradicá-la), forjando um espaço de legibilidade e reconhecimento, bem como uma real possibilidade de inserção financeira através da arte que produzem”.

A ocupação no perfil de Tata Werneck

Iniciei minha pesquisa exploratória, me debruçando na ocupação de Linn da Quebrada nos perfis em plataformas de redes sociais de Tata Werneck. Para isso, utilizei a Teoria Fundamentada (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011) como aporte metodológico. Primeiramente, foi feito um recorte, no qual optei por analisar somente as postagens feitas no perfil do *Instagram* de Tata Werneck, por se tratar da rede em que ela possui maior número de seguidores. Iniciei com uma observação das publicações feitas por Linn da Quebrada, e sobre a artista, no perfil. Ao total, foram encontrados oito *posts*. Entre estes, selecionei os seis primeiros, pois os seguintes tratam da divulgação de um evento pós-ocupação. A partir da exploração no perfil de Tata Werneck, coletei dados sobre a circulação de sentidos nas postagens e, então, criei memos⁹, que posteriormente foram codificados e agrupados em três categorias temáticas: Apresentação; Responsabilização; e Participação. Cada uma destas categorias é composta por dois *posts*, e serão tratadas a seguir.

a) Apresentação: “eu quero falar sobre vida, sobre as nossas vidas”

A primeira categoria identificada diz respeito aos *posts* em que a ocupação é anunciada e Linn da Quebrada é apresentada aos seguidores de Tata Werneck. No dia 5 de junho de 2020, Tata publicou¹⁰ uma foto de Linn em seu perfil no *Instagram* informando que, durante aquele mês, ocorreria uma ocupação nas suas redes sociais, na

⁹ “Os memos são observações de campo, escritos durante o processo de análise de um corpo de dados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 94).

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBECf14HWka/>> Acesso em: 29 jul. 2020.

qual Linn traria novos olhares e aprendizados. Tata explicou, na legenda do post, a sua motivação: “Quero aprender e aprender como posso pôr em prática. Pq aprender é lindo, mas se não tivermos mudanças conscientes e consistentes não haverá resultado eficaz”. Esta publicação teve um total de 165.884 *likes* e 2.431 comentários. Ao observar todos os comentários, percebi que a maior parte continha parabenizações à Tata por sua atitude e elogios à Linn da Quebrada. Em apenas um comentário, uma pessoa que se dizia cansada de tanta “lacrção”, demonstrava descontentamento e dizia estava deixando de seguir o perfil de humorista.

Muitos seguidores de Linn da Quebrada declararam que estavam começando a seguir Tata Werneck somente para acompanhar a ocupação. Também tiveram comentários, ainda que bem poucos, falando sobre essa atitude de Tata ser o mínimo, diante de posicionamentos transfóbicos que a humorista teve no passado, e falando para ela convidar Linn para participar do seu programa. A maioria destes comentários, seja por meio de elogios ou críticas à ocupação, demonstram um consenso quase geral sobre o valor do espaço de um perfil no *Instagram* de uma pessoa famosa na internet. O ato de começar a seguir ou deixar de seguir, informando isso nos comentários, cria um caráter de “moeda de troca”, como uma forma de aprovar ou não o movimento que se inicia a partir daquele *post*. Conforme Poell, Nieborg e Van Djick (2020, p. 2), a plataformização é um processo que “envolve a reorganização de práticas e imaginários culturais em torno dessas plataformas”. Sendo o Brasil o segundo país com mais usuários no Instagram no mundo¹¹, essa plataforma se relaciona com diversos aspectos da vida de grande parte da população brasileira, reorganizando práticas de comunicação e legitimação.

O primeiro *post*¹² de Linn da Quebrada, que marcou o início da sua ocupação foi feito no dia 10 de junho, em formato de vídeo. Ela utilizou o espaço para se apresentar, falando sobre seus trabalhos como artista multimídia, e para contar quais temas iria abordar ao longo da ocupação, mencionando, entre eles: corpo, gênero, sexualidade e raça: “Eu quero falar sobre vida, sobre as nossas vidas, sobre a importância delas, e sobre o que nós temos produzido, entendendo que cada uma de nós compõe um corpo político e que, portanto, nós somos uma ferramenta essencial no combate às opressões”.

¹¹ Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/estes-sao-os-dez-paises-que-mais-usam-o-instagram/>>. Acesso em: 30 de julho de 2020.

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBQmzFYAbZP/>> Acesso em: 29 jul. 2020.

Essa publicação teve 72.918 *likes* e 927.216 *views*. Ao todo, foram feitos 2.056 comentários, entre eles, elogios sobre a oratória e a voz de Linn da Quebrada. Outro comentário recorrente foi sobre a tatuagem de arame farpado que a cantora possui na testa, que pela maioria das pessoas foi relacionada com a coroa de espinhos de Jesus Cristo, gerando críticas e elogios. Uma seguidora se mostrou contra a ocupação, falando que, para quem cede o perfil é uma atitude comodista: “[...] o povo branco se isenta da responsabilidade de falar sobre o tema e para falar sobre o tema é necessário estudar”. Já, outras críticas foram feitas à Tata por parte do público que afirmou não querer ver aquele tipo de conteúdo. Um destes, inclusive, utiliza o termo “Antifas”, vinculando os movimentos antifascistas à Linn - ainda que, em nenhum momento ela fale sobre isso no vídeo.

Ao falar de seus trabalhos, a artista citou a sua participação como atriz na minissérie *Segunda Chamada*, veiculada na Rede Globo em 2019. Nos comentários, sua personagem é reconhecida por diversas pessoas, causando maior familiaridade da artista com os seguidores de Tata. Sua passagem por uma minissérie na TV aberta possibilita a visibilidade de um público muito mais amplo. Além disso, o vídeo no *Instagram* pode ser considerado um formato adequado para este início de conversa com um novo público, pois aproxima a artista do público, que conhece seus gestos, traços físicos e voz. Estes aspectos materiais e afetivos colaboram com a criação de sentidos (SÁ, 2016).

b) Responsabilização: “com quantas trans você se relaciona?”

A segunda categoria se trata dos dois posts seguintes, nos quais Linn da Quebrada falou sobre a responsabilidade social que cada pessoa tem em relação às pessoas trans e pretas. No primeiro¹³, feito em formato de vídeo, em 13 de junho, Linn opta por uma linguagem bastante didática e acessível. Ela inicia falando sobre o momento do nascimento, no qual a designação do gênero é hegemonicamente determinada pelo órgão genital do recém nascido, e sobre todas as expectativas de trajetórias e destinos a partir desta “definição”. Citando o sociólogo Pierre Bourdieu, ela explica sobre o gênero e a sexualidade como construções sociais, criadas a partir das expectativas geradas pelos corpos. Então, fala da sua experiência pessoal, desde o início

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBY0Co_AL5y/> Acesso em: 29 jul. 2020.

da transição de gênero, e afirma que o isolamento social é algo que pessoas trans e corpos negros já vivem desde muito antes da pandemia. A partir desta contextualização, ela faz uma provocação ao público, questionando quantas pessoas trans conhecem, com quantas se relacionam, de quantas são amigos, com quantas trabalham ou estudam e quantas admiram. Citando o filósofo Michel Foucault, ela fala sobre a reconfiguração e criação de novos modos de vida. Linn finaliza o vídeo propondo um olhar mais humanizado às pessoas trans e travestis, e fala que, para isso, é fundamental que possam ser inseridas em todos os espaços e que se formem alianças, pois essa responsabilidade é de todos.

Neste *post*, a artista trata de temas polêmicos para grande parte da população brasileira, uma vez que desconstrói a ideia hegemônica de gênero, afirmando não ser algo definido a partir do órgão genital. Ainda que o tema já seja debatido há muitos anos nos espaços acadêmicos e nos movimentos feministas e LGBTQ+, sua aparição na mídia, como na TV aberta, por exemplo, é bastante recente. Para legitimar essa pauta, Linn dialoga com Foucault e Bourdieu, demonstrando que sua fala é fundamentada a partir de teóricos reconhecidos. O *post*, teve 66.904 *likes*, 1.016.282 *views* e 883 comentários, ou seja, apesar de ter sido visto mais vezes, teve menos *likes* e comentários do que o anterior. A provocação de Linn gerou reações controversas: por um lado, muitos comentários agradecendo e parabenizando a artista pelo tema tratado, por outro, diversos comentários negando a transexualidade e deslegitimando os movimentos trans. Conforme Brandão (2019, p. 157) “No ambiente digital, é notável o quanto a controvérsia se torna fator de engajamento e, portanto, visibilidade”. Sendo assim, é possível considerar que as adversidades, de certa forma, proporcionaram um maior número de visualizações deste conteúdo em relação ao anterior.

O *post*¹⁴ seguinte, feito no dia 17 de junho, se tratava de um *card* com uma foto de Linn da Quebrada e, ao seu lado, as mesmas perguntas que tinha feito no vídeo anterior. Na legenda, ela propõe que elas sejam respondidas como um exercício “[...] para que possamos pensar qual o nosso papel e o que estamos fazendo enquanto sociedade quando falamos de pessoas trans e travestis negras”. O *post* teve 47.459 *likes* e 1.204 comentários. Muita gente falou sobre suas relações com pessoas trans, entre elas, mãe e amigas, principalmente. Algumas afirmaram que, apesar de ainda não terem

¹⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBjHGmAnjFb/>> Acesso em: 29 jul. 2020.

peças trans nos seus círculos sociais, sentem vontade de criar essas relações. Em um grande número de comentários, as pessoas falaram sobre não perguntarem aos seus amigos o que eles são, pois são “todos humanos” e iguais. Este, que é um discurso bastante replicado no senso comum, revela uma visão positivista e meritocrática, invisibilizando as opressões e dívidas histórias, e falando dos seres humanos como um grupo homogêneo. Também tiveram pessoas falando que não sabiam se conheciam pessoas trans, por não se importarem “com quem os outros dormem”, demonstrando uma confusão entre os significados de gênero e orientação sexual. Em outros comentários, os seguidores traziam desinformações: negavam a transexualidade ou argumentavam que não conheciam pessoas trans, porque existem poucas no mundo.

A escolha do *card* para fazer as perguntas deixou elas em maior evidência e fez com que Linn recebesse mais respostas do que antes, pois muitas pessoas poderiam não ter assistido ao vídeo anterior até o fim. No entanto, isso também fez com que seguidores que não estavam acompanhando os vídeos e todas as explicações sobre gênero e sexualidade, respondessem às perguntas de forma superficial, por não estarem interessadas em refletir mais profundamente sobre o assunto. Estes diferentes contextos possibilitam a compreensão de “lutas e embates em torno da circulação comunicacional” (GROHMANN, 2019, p. 152), que ocorrem, por exemplo, quando os sujeitos percebem que suas “verdades” estão sendo questionadas por uma pessoa que eles não seguem e que, de certa forma, invade um espaço comunicacional onde eles estão habituados a ver outros tipos de conteúdos. Ao mesmo tempo, tais provocações também podem ter diferentes efeitos: seja despertando reflexões e interesse, como no caso dos seguidores que disseram ter vontade de conhecer pessoas trans, seja criando o sentimento de reconhecimento, no caso das pessoas que já cultivam essas relações.

c) Representação: “a arte imita ou limita a vida?”

A última categoria engloba as duas postagens seguintes, nas quais a artista aborda e problematiza a representatividade, um conceito que tem sido muito acionado para falar sobre a representação de minorias sociais em espaços de poder. Linn traz um vídeo¹⁵, em 20 de junho, no qual trata “[...] sobre como determinados corpos nos são apresentados e o que a sua ocupação ou ausência nestes espaços pode suscitar em nós”.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBq7bF4np9X/>> Acesso em: 29 jul. 2020.

A artista salienta a importância da arte na construção do imaginário social coletivo, e propõe um exercício de reflexão, pedindo que quem estivesse vendo o vídeo fechasse os olhos e pensasse nas imagens que vêm à cabeça quando ela fala “travesti”, “mulher negra” e “homem negro”. Então ela explica que a arte não apenas representa o mundo tal qual ele é, mas também produz o mundo como enxergamos e acreditamos ser.

Após essa introdução, Linn fala diretamente sobre a representatividade, dizendo que por muito tempo não se sentiu representada, nem mesmo próxima dos modelos oferecidos em novelas, filmes e livros: “era como se eu não existisse”. Mas quando encontrava alguém que se parecesse com ela nestes espaços era sempre considerada como exemplo a não ser seguido, virando alvo do riso: “Pode até parecer inofensivo, mas é muito perigoso. O riso serve também como punição e castigo”, explica. Linn conta que com o tempo entendeu a importância de estabelecer uma disputa de narrativas para contar sua própria história. Ela exemplifica com a personagem que fez na minissérie Segunda Chamada: uma travesti que realiza o sonho de concluir os estudos e abrir o seu próprio salão de beleza: “E essa é só uma das muitas histórias que podem alargar as fronteiras da nossa imaginação e ao mesmo tempo, tornar ainda mais tênue a linha que divide a arte da vida”. Por fim, Linn afirma que a representatividade é importante, mas não é o objetivo final, pois também é necessário batalhar pela participação social. Finalizando a sua fala, ela traz uma provocação: “Nós, da nossa parte, eu garanto que estamos tensionando o mercado e o tecido político para que as nossas vozes ecoem e que possamos ser ouvidas. E você? que histórias você tem ajudado a contar?”.

Essa postagem teve 44.953 *likes*, 767.172 *views* e 654 comentários, entre eles, elogios a sua didática e embasamento científico, demonstrando que há maior aceitação do seu conteúdo, quando ele está fundamentado, se assemelhando à configuração de uma aula: ela aciona a teoria, propõe exercícios e compartilha as suas vivências. Novamente, surgiram críticas, dizendo que deixariam de seguir Tata, além de reclamações sobre o desrespeito à “família tradicional”, e sobre pessoas negras se “vitimizarem”.

O *post*¹⁶ seguinte foi feito em 24 de junho, em formato de carrossel. O primeiro *card* traz uma foto da artista e retoma o tema da representatividade e imaginário social,

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CB1AXh0HTNK/>> Acesso em: 29 jul. 2020.

com o título “#LINNDICA” e o texto “Conheça profissionais que estão atuando na construção de um presente plural e democrático”. Os demais *cards* são compostos pelas fotos e os endereços dos perfis das pessoas indicadas - em geral, negras e/ou trans - com uma breve apresentação da área profissional de cada uma, vinculando as indicações com a representatividade. Novamente, ela finaliza com perguntas: “E você, o que tem consumido? Que saberes propaga? Está disposta ou disposto a pensar diferentemente de como você já pensa?”. A publicação teve 26.987 *likes* e 273 comentários, entre eles, muitos elogios às indicações. Apenas uma pessoa fala que espera que sejam profissionais que tenham estudado e aprendido algo, e não sejam “formados só em lacração”.

A utilização do *Instagram* como um espaço para publicizar diferentes tipos de trabalho se relaciona com a ideia de sociedade plataformizada. A divulgação, aparentemente, gratuita dos trabalhos que essas pessoas realizam possuem um preço. Conforme Van Dijck (2019), a dataficação, que caracteriza as plataformas, transforma os dados em mercadoria pelo processamento algorítmico, fazendo com que a ideologia do neoliberalismo determine a arquitetura da sociedade conectiva. Ainda assim, seja por pressão social de estar onde “todo mundo está”, por desconhecimento das práticas de vigilância e dataficação, ou por não se ter dinheiro para optar por ferramentas que não colem dados, o uso destas plataformas se torna imprescindível para quem deseja divulgar o seu trabalho (EVANGELISTA, 2018).

Considerações finais

A ocupação analisada, de certo modo, *hackeou* as lógicas do *Instagram*, uma vez que direcionou a diferentes públicos, temas que os algoritmos da plataforma não considerariam relevantes¹⁷ para eles. Conforme Silva (2020, p. 123), “[...] os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós e sobre nós com frequência cada vez maior”. Portanto, ao surgir em um espaço onde não costuma ser vista, como o perfil de Tata Werneck, Linn da Quebrada, assim como outras pessoas trans e/ou negras, se tornam visíveis para um público mais amplo. No entanto, apesar da ocupação acionar políticas

¹⁷ “Os algoritmos agem a partir de uma avaliação de relevância de dados, sendo capazes de definir quais informações são mais ou menos importantes para cada pessoa”

de audiovisibilidade, este movimento é apenas uma introdução, uma forma de apresentar temas, histórias e corpos, que não são vistos por aquele público. É um convite para que a reflexão e a autoanálise continue e se propague em diferentes grupos. Conforme Brandão (2017, p. 142) debates como estes “[...] reverberam com a formação de comunidades engajadas, criando circuitos em que processos de mediação sociocultural ganham ampla visibilidade em processos de midiatização em rede”.

As categorias criadas, utilizando a Teoria Fundamentada como método, auxiliaram na compreensão de diferentes temáticas tratadas na ocupação. A linguagem de Linn da Quebrada foi didática, trazendo ensinamentos, vivências pessoais e questões para reflexão. As perguntas provocativas, que Linn sempre trazia, foram interpretadas de diferentes formas pelo público, como já foi mencionado. Mas a partir das controvérsias, surgiram debates e um maior número de visualizações dos conteúdos.

Ao fazer esta análise, considerei importante levar em conta as contradições, uma vez que elas estão presentes em todos os movimentos sociais e não devem ser invisibilizadas por uma romantização de possíveis resistências. Mas também não podemos excluir a importância da transformação nos processos comunicacionais: “Entre um caminho e outro, é preciso considerar as contradições nos processos, bem como as possibilidades, brechas e tentativas” (GROHMANN, 2019, p. 153). Sendo assim, é possível concluir que os sentidos criados e circulados por todos os atores que fizeram parte da ocupação têm grande potencial de causar transformações importantes. Mas, ao mesmo tempo, é um trabalho que deve ser constante e não se limitar ao período de um mês. Por essa razão, é tão necessário pensar nas questões levantadas por Linn da Quebrada em seu último dia de ocupação: “Como nós vamos dar continuidade a esses debates que têm sido levantados? Com o que vamos nos comprometer coletivamente enquanto sociedade?”.

Rocha (2018) aponta que, ao mesmo tempo em que há uma forte onda de protagonismo ativista, ainda são muito altos os índices de violências ligadas a transfobia, homofobia e feminicídio. Portanto, ela acredita que essa luta que passa pelo simbólico é uma importante brecha, mas também precisa ser acompanhada de uma atuação no sentido político-institucional. Neste sentido, é importante considerar os “[...] ‘processos ‘invisíveis’ nos recursos automatizados como recomendação de conteúdo,

reconhecimento facial e processamento de imagens” (SILVA, 2020, p. 122), nos quais, muitas vezes, o racismo e a transfobia estão imbricados.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vanessa Cardozo. Cartografia das controvérsias midiáticas sobre “ideologia de gênero” na publicidade de OMO. In: POLIVANOV, B.; ARAUJO, W.; OLIVEIRA, C. C. G.; SILVA, T. (Org.). **Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data**. São Paulo: INTERCOM, 2019. p. 53-76.

BRANDÃO, Vanessa Cardozo. Keep Playing #LikeAGirl: fluxos mercadológicos, institucionais e políticos no discurso da igualdade de gênero por meio do esporte. In: ZILLER, J.; D'ANDREA, C. (Org.). **Olimpíadas Rio 2016: mídia, política, humor**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, v. 1, p. 136-154, 2017.

CHAIA, Miguel. Artivismo - Política e Arte Hoje. **Revista Aurora**. São Paulo, n. 1. p. 9-11, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistaaurora/edicoes_pdf/Aurora_1.pdf. Acesso em 07 ago. 2019.

COLLING, Leandro. A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. **Revista Sala Preta**. São Paulo. v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/125684>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

EVANGELISTA, Rafael. **Para além das máquinas de adorável graça: cultura hacker, cibernética e democracia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GROHMANN, Rafael. Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Revista Galaxia**, n. 42, p. 150-163, 2019.

NEVES, T. T.. Fervografia: **Fervo, Comunicação e 'Bons Encontros' num show de Linn da Quebrada**. In: Intercom, 2019, Belém. Comunicação e Culturas Urbanas. São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-14.

ROCHA, Rose de Melo. ENTREVISTA: ‘Artivistas de gênero’ e a transformação pela música. **Portal Gênero e Número**. 7 fev. 2018. Disponível em: <http://www.generonumero.media/entrevista-artivistas-de-genero-e-transformacao-pela-musica/>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ROCHA, Rose; REZENDE, Aline. DIVA DA SARJETA: ideologia envidescida e blasfênea pop-profana nas políticas de audiovisualidade da travesti paulistana Linn da Quebrada. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.1, p. 22-34, abr—jun 2019.

SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro; ROCHA, Rose de Melo. Remediação com purpurina: bricolagens tecnoestéticas no drag-artivismo de Gloria Groove. **Revista Interin**, São Paulo: v. 23, n. 1, jan/jun. 2018, p. 205-220). Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/613>>.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Media and Morality.** Cambridge: Polity Press, 2006.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Tradução Rafael Grohmann. **Revista Fronteiras.** (São Leopoldo, Online), n. 1, v. 22, 2-10, jan./abr., 2020

SÁ, Simone de. Cultura material, gostos e afetos para além da noção de presença. In: MENDONÇA, C. M. M.; DUARTE, E.; FILHO, J. C.. **Comunicação e sensibilidade: pistas metodológicas.** Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016. p. 141-163.

SILVA, Tarcísio. Racismo algorítmico em plataformas digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcísio. (Org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos.** São Paulo: LiteraRua, 2020. p. 120-137.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The platform society: Public values in a connective world.** Oxford University Press, 2018.